

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II APROVADOS PELO PNLD (2008-2020)

Alan Bizerra Martins  
Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História-PPGHIST  
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
alanmartinsgeo14@gmail.com

### Resumo

O presente trabalho é fruto do percurso que se iniciou com as atividades desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-UNIFESSPA. Nessa investigação temos a intenção de verificar como os conteúdos das questões étnico-raciais estão nos livros didáticos de história, refletindo como essas coleções sofreram alterações considerando o processo histórico recente de reformulação do currículo da Educação Básica. Dessa forma, é importante refletir sobre a relevância desta temática para problematizar o ensino de História nos livros didáticos escolares utilizados nas instituições de ensino. Vale ressaltar, que a presente pesquisa se encontra em andamento, e diante disso neste trabalho será apresentado sobretudo alguns dos resultados parciais.

**Palavras-chave:** Educação das Relações Étnico-raciais. Ensino de História. Livro Didático.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto do percurso que se iniciou com as atividades desenvolvidas na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-UNIFESSPA. Nessa investigação temos a intenção de verificar como os conteúdos das questões étnico-raciais estão nos livros didáticos de história dos anos finais do Ensino Fundamental. Assim, o texto busca apontar aspectos iniciais da pesquisa que está sendo desenvolvida no projeto de pesquisa: “Educação para relações étnico-raciais nos livros didáticos de história no ensino fundamental II aprovados pelo PNLD (2008-2020)”, que é vinculado à linha de pesquisa: Ensino de História, narrativas e documentos do Programa de Pós Graduação em História (UNIFESSPA). A presente pesquisa se encontra em andamento, e diante disso neste trabalho será apresentado sobretudo alguns dos resultados parciais.

O debate sobre os conteúdos abordados nos livros didáticos para o ensino de História nos últimos anos tem ganhado novas perspectivas no âmbito educacional. Principalmente devido às atualizações curriculares direcionadas às escolas, propostas pelas reformulações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB (1996) e pela Base Nacional Comum

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Curricular-BNCC (2017). Implicando, por sua vez, novas configurações nos currículos da Educação Básica, assim tornando as questões curriculares como centro dos debates relativos às políticas educacionais.

A metodologia utilizada na pesquisa propõe uma análise de cunho qualitativo nos livros didáticos selecionados. O aporte teórico é composto por Mikhail Bakhtin (2014), com análise do discurso que é uma prática/concepção da linguagem que consiste em analisar estruturas de textos enquanto fenômeno social, dialógica, interativa e polifônica. Onde, a partir os enunciados é possível sobretudo percebermos que estes derivam de experiências dos sentidos que são atribuídas e reproduzidas pelos discursos.

Para a pesquisa foram envolvidos 20 livros de História do Ensino Fundamental dos Anos Finais produzidos pela editora FTD do autor de Alfredo Boulos Júnior. A tabela 1, a seguir, mostra a distribuição dos livros analisados por ano do edital do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e por atribuição de edição/ano. As obras didáticas foram distribuídas pelo Ministério da Educação (MEC) com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Referente aos finais do Ensino Fundamental dos anos são (2008; 2011; 2014; 2017 e 2020). As coleções possuem a proposta de ensino de história integrada, exceto a coleção de 2008 com tem como proposta de história intercalada.

**Tabela 1**- Coleções selecionadas para a pesquisa.

Edital	Coleção	Editora	Edição/Ano
2008	História Sociedade & Cidadania	FTD	4ª edição/2004
2011	História Sociedade & Cidadania	FTD	1ª edição/2009
2014	História Sociedade & Cidadania	FTD	2ª edição/2012
2017	História Sociedade & Cidadania	FTD	3ª edição/2015
2020	História Sociedade & Cidadania	FTD	4ª edição/2018

Fonte: autor, 2020.

A coleção: História, Sociedade & Cidadania referentes anos 2008 a 2020 são produzidas por Alfredo Boulos Júnior que atualmente é reconhecido no mercado de produção de manuais didáticos. Alfredo Boulos Júnior é Mestre em História pela Universidade de São Paulo USP e Doutor em Educação pela PUC-SP. É autor de inúmeras coleções didáticas paradidáticas, como “*Construindo Nossa Memória*” e “*Sabor da História*”. Assessorou a Diretoria Técnica da Fundação para o Desenvolvimento da Educação. Também é envolvido com pesquisas

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

científicas com ênfase nas áreas em História das Disciplinas Escolas e Livro Didático, História, Historiografia da Educação.

Desta forma, é importante refletir sobre a relevância desta temática para problematizar o ensino de História nos livros didáticos escolares utilizados nas instituições de ensino. Nesse sentido a pesquisa é pertinente, em primeiro lugar, por que ela afeta uma questão legal a obrigatoriedade da reformulação da abordagem da história do Brasil, conforme encaminha o artigo 26º da LDBEN. Em segundo lugar, ela analisa o modo pelo qual a temática é abordada, considerando o processo histórico recente, de reformulação do currículo da Educação Básica.

Os estudos de Wilma Coelho; Mauro Coelho (2013), Nilma Gomes (2011), Petronilha Silva (2007), Denise Bispo; Luiz Silva (2008), Waldemar Júnior (2019), apontam com a implementação da 10.639.03 no âmbito educacional ofereceu oportunidades de realizar pesquisas e ações que vissem modificar visões e conhecimentos equivocados em relação à História da cultura Afro-Brasileira e Africana no saber escolar. Nesse sentido, práticas e conteúdos tornam-se meios fundamentais para o combate da desvalorização relacionado a estes grupos vinculados de origem Afro-Brasileira e Africana.

Tendo em vista que, o livro didático é um dos principais recursos no ensino aprendizagem utilizado pelo(a) professor(a) na Educação Básica, este também deve ser um produto que contribua com sua reflexão, os princípios para construção de conhecimentos que tencionem os valores éticos a respeito das diferenças culturais, políticas, de gênero e religiosas. Toda via, devemos refletir sobre a estrutura precária da rede pública de ensino no Brasil, muitas das vezes é a própria rede de ensino que não disponibiliza outros recursos didáticos aos professores. Apesar disso, Erinaldo Cavalcanti aponta que, “com limites, vantagens e desvantagens, o livro didático tornou-se, nas últimas décadas, a principal ferramenta de trabalho do professor da Educação Básica”. (CAVALCANTI, 2018, p. 518).

A função do livro didático de história é fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Pois ele deve contribuir para ampliação de construção dos conceitos da História, fonte, memória, historiografia, ficção, narrativa, tempo, acontecimento, entre outros. O livro didático é regularmente o único objeto, o qual as crianças e adolescentes no âmbito escolar, tem a proximidade com os conhecimentos históricos em sua formação. Nesse sentido, é fundamental

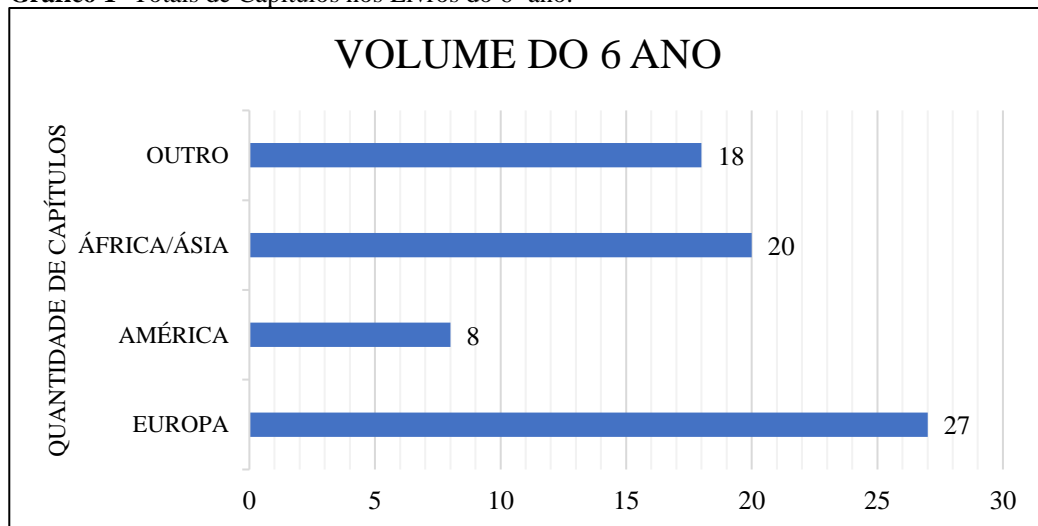
# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

que este material didático deva veicular os conhecimentos de forma democrática, precisa, e principalmente de forma atualizada em seus conteúdos.

## O EUROCENTRISMO NA ESTRUTURA DOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: HIERARQUIAS, PERMANÊNCIAS E NARRATIVAS

Como mencionado anteriormente, a pesquisa se encontra em andamento no programa de Pós-graduação em História pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-UNIFESSPA. Nesse sentido, a seguir, serão apresentados dados parciais da análise realizada nas coleções didáticas. Sendo assim, é importante destacar em que esses livros didáticos em sua composição curricular seguem a História tradicional (francesa). Ou seja, inicia-se primeiramente o que ainda se predomina do termo da “Pré-história”, depois temáticas da Idade Antiga e a História Medieval, passa-se pela História Moderna e, conclui com a Contemporânea. Dessa forma, composição nas coleções didáticas têm o modelo quadripartite da história em suas narrativas que colocam a Europa como epicentro dos eventos narrados. A seguir, o conjunto de gráficos indicam uma quantidade maior de capítulos destinado para a Europa nas coleções didáticas 2008-2020:

**Gráfico 1-** Totais de Capítulos nos Livros do 6º ano.



Fonte: autor, 2021.

O gráfico 01 sobre totais dos capítulos dos volumes do 6º ano demonstra dados relevantes. Nos volumes do 6º ano tem espaço maior para os conteúdos que vinculam aos eventos da Europa. Isto é, são capítulos que possuem em seus conteúdos uma compreensão dos processos que aconteceram naquele espaço territorial. Isso ocorre, em virtude que as narrativas

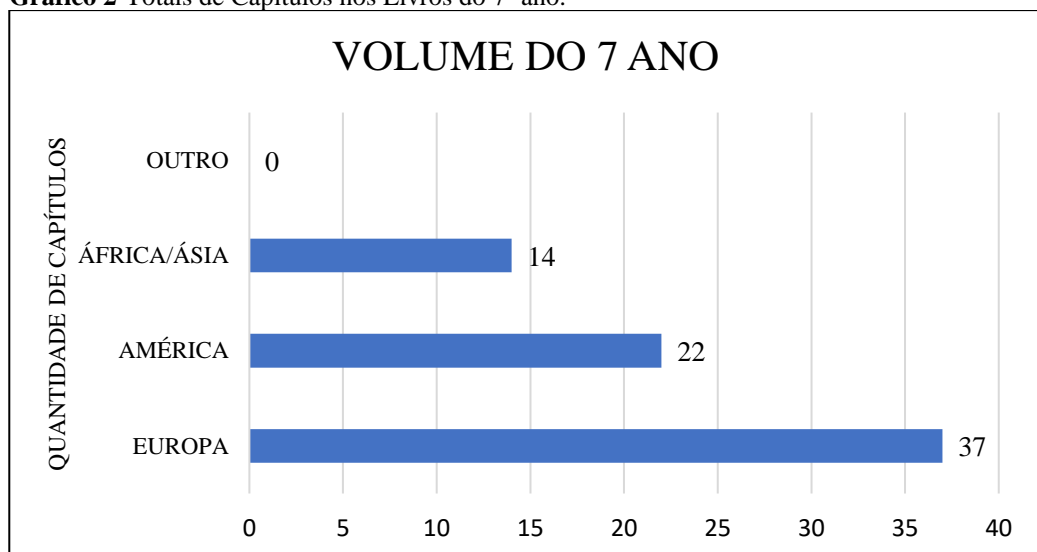
# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

adotam em sua estrutura uma ordem de eventos históricos, como o caso de História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea. Mas também, devido à coleção adotar o ensino de forma Integrada.

Conforme o Guia de 2008 as coleções que adotam a História Integrada “oferecem concomitantemente a História do Brasil, a da América e a da História Geral, podendo seguir ou não a ordem cronológica do estabelecimento das sociedades”. Toda via, o documento que contém as resenhas das coleções faz a seguinte ressalva: “Contudo, para que haja integração dessas histórias, é imprescindível que se estabeleçam relações contextualizadas entre os conteúdos tratados, considerando a simultaneidade dos acontecimentos no tempo e no espaço”. (GUIA, PNLD, p. 12).

O gráfico expõe que conteúdos referentes à Europa estão presentes em 27 capítulos. Nestes temas aparecem os eventos históricos que regulam também os processos em outras partes do mundo. Por isso, é frequente que os capítulos sobre África/Ásia e América estejam presentes com 20 e 8 capítulos respectivamente. Esses capítulos estão geralmente interligados com os processos que transcorreram na Europa. Vale ressaltar, que na categoria outros, no total de 18 capítulos, são conteúdos que abordam sobre categorias na História, como é caso da Cultura, Tempo e Fonte histórica.

**Gráfico 2-**Totais de Capítulos nos Livros do 7º ano.

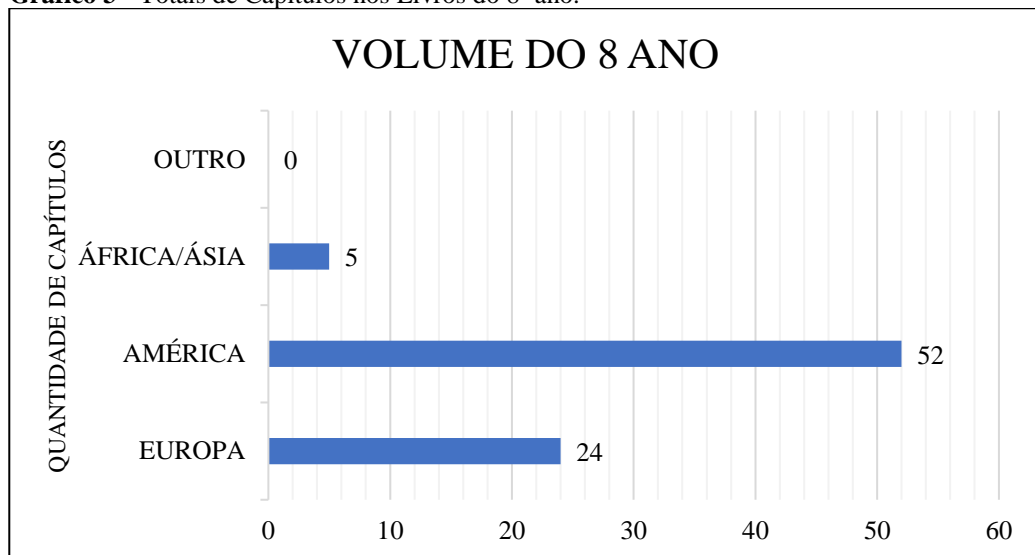


Fonte: autor, 2021.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O gráfico 02 sobre dos volumes do 7º ano também demonstra dados importantes sobre esse debate. Novamente o volume de capítulos destinados à Europa é absoluto nas narrativas. Foi perceptível que 37 capítulos apresentam, a Europa como o centro dos acontecimentos e norteamericanos conceituais. Esses acontecimentos, como o caso do Feudalismo e o Renascimento enfatizam diversos eventos que marcaram as transformações no espaço europeu no âmbito político, econômico-social e cultural. Em seguida, América com total de 22 e África/Ásia com apenas 14 capítulos seguindo a mesma perspectiva em apresentar informações sobre as civilizações naquele continente. Outro dado importante, é que a partir dos volumes do 7º ano não houveram mais debates em seus conteúdos sobre categorias na História, como o caso de Tempo Histórico, Cultura e Fontes Históricas e etc.

**Gráfico 3** - Totais de Capítulos nos Livros do 8º ano.



**Fonte:** autor, 2021.

De acordo com o gráfico 03 que apresenta os capítulos dos volumes do 8º ano, percebe-se uma alteração dos números de capítulos destinados à Europa. Onde, os capítulos indicam os acontecimentos principalmente sobre os processos de Colonização da América a partir das ações dos europeus. Logo, isso explica o salto do volume quase absoluto destinado sobre América com total de 52 capítulos. Nesses conteúdos, ainda estão todos os eventos que sucederam nestes espaços, como o caso de conteúdos sobre os processos de Colonização e Independência dessas colônias. Isso pode ser observado no capítulo “Colonização portuguesa: administração” quando ocorreram essas ações pelo rei de Portugal:

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Mesmo assim, o rei de Portugal enviou para cá expedições exploradoras e policiadoras. Em uma dessas expedições, em 1503, os portugueses descobriram a existência de uma árvore típica da Mata Atlântica: o pau-brasil: madeira de valor comercial, usada para tingir tecidos e construir móveis e casas.<sup>1</sup>

Apesar da queda de capítulos, que passam a totalizar 24 a Europa ainda possui destaque nas narrativas por tratar conteúdos de eventos que regulam outras ações no mundo. Como o caso da Revolução Industrial e Revolução Francesa em que apresentam modificações econômicas, políticas e sociais. Também, os dados têm o mesmo padrão de poucos capítulos que tratam sobre o continente da África/Ásia. Todavia, apesar de ocorrer relações dos eventos históricos em que esses continentes possuem, por exemplo, o processo da escravidão dos africanos transcorreu devido o início da colonização na América. Isso fica evidente principalmente a partir da abordagem sobre a travessia pelo atlântico para a chegada dos navios com escravizados retirados de seu continente, como o caso no capítulo “Africanos no Brasil: dominação e resistência”:

Os africanos não vieram para a América de livre e espontânea vontade; foram trazidos para cá para trabalhar como escravos. Com avanço das plantações de cana-de-açúcar no Nordeste, na metade do século XVI, os africanos começaram a entrar no Brasil sistematicamente e em maior número. [...] Eram povos de diferentes lugares da África, com características físicas e culturais próprias, que trouxeram consigo hábitos, línguas e tradições que marcam profundamente nosso cotidiano.<sup>2</sup>

Certamente, os conteúdos dos livros enfatizam reflexões sobre as ações realizadas pelos agentes europeus. Desta forma, essas ações afetaram diretamente outros sujeitos, como o caso dos Africanos, pois, na América, esses “africanos não eram chamados pela sua etnia, mas sim pelo nome do porto ou da região onde tinham sido embarcados”<sup>3</sup>.

---

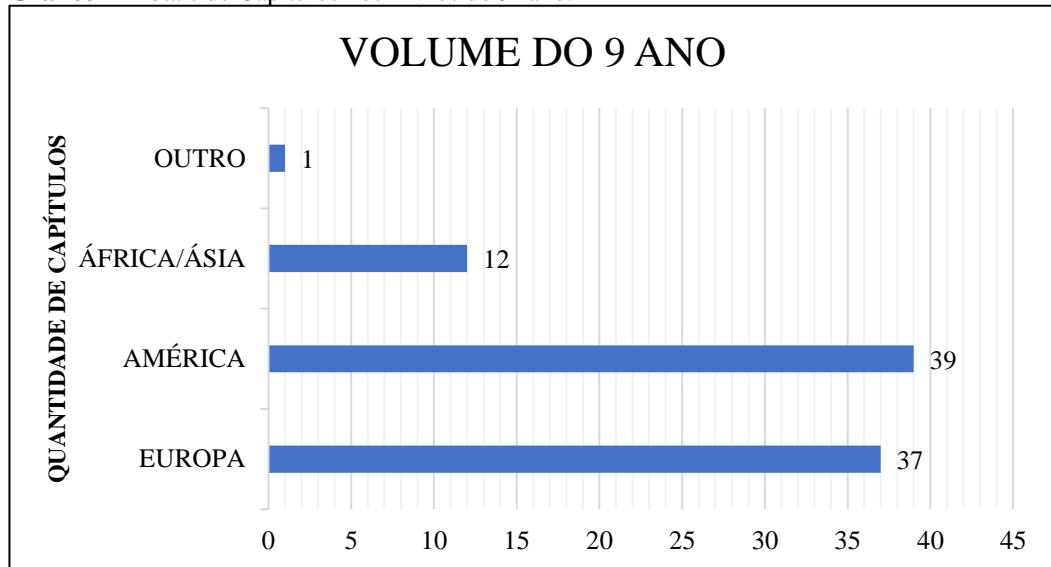
<sup>1</sup>BOULOS JR, Alfredo. *História: sociedade & cidadania*. 7º Ano. Editora FTD. 2ª edição, São Paulo 2012.p.260.

<sup>2</sup>BOULOS JR, Alfredo. *História: sociedade & cidadania*. 8º Ano. Editora FTD. 2ª edição, São Paulo 2012.p.14.

<sup>3</sup> Ibid., p.14.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Gráfico 4 -Totais de Capítulos nos Livros do 9º ano.



Fonte: autor, 2021.

O gráfico 04 apresenta a mesma tendência do gráfico anterior. Ou seja, os capítulos dos volumes do 9º ano mantêm alteração dos números sobre capítulos destinados sobre a Europa. Entretanto, os conteúdos quando mencionam a América, muito destes conteúdos estão se referindo aos processos de colonização neste espaço, ou para ser mais enfático, esses conteúdos retratam as consequências deste processo de colonização na América.

Essa questão fica evidente em muitos capítulos da História do Brasil, que são destinados capítulos sobre o processo da República. Isto é, os conteúdos referentes a América nos livros do 9º têm mais foco sobre a História Brasil, pois, esses eventos aconteceram no território parte da América onde hoje é chamado de Brasil. Apesar da Europa apresentar um número inferior de capítulos, eles continuam abordando a Europa como epicentro dos eventos no mundo. Além disso, há um maior número de capítulos destinados sobre a África/Ásia. Os conteúdos tratam sobre os processos de independência destes respectivos continentes. O que está relacionado com que o Jean Chesneaux aponta em que na História Contemporânea dá-se um espaço maior para os países da Ásia, África e América.

Outro dado importante sobre os livros do 9º ano é a inserção de novos capítulos que tratam de temas em suas narrativas, como o caso que ocorreu no livro da coleção de 2020 com o capítulo: “Movimentos Sociais: Negros, Indígenas e Mulheres”. A proposta do capítulo não se distancia das temáticas já debatidas em outros momentos do volume. Todavia, o capítulo

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

possui objetivo em aprofundar questões importantes, por exemplo, a relação dos negros com os movimentos sociais na luta no processo de Abolição. O conteúdo menciona alguns movimentos importantes, como o caso da Frente Negra Brasileira (1931), foi fundada com objetivo de lutar contra o racismo e desigualdade racial. Assim como o Teatro Experimental do Negro (1944-1968), movimento para inserção da cultura negra no Rio de Janeiro. Por fim, o capítulo destaca a participação das mulheres nos movimentos e lutas sociais, como apresenta um trecho:

No dia 25 de outubro de 1927, pela Lei estadual nº 660, as mulheres brasileiras puderam, pela primeira vez, no Rio Grande do Norte, ter reconhecido o direito de votar e serem votadas. O Artigo 77 [...] da referida lei determinava: “No Rio Grande Norte poderão voltar e ser votadas, sem distinção de sexos, todos os cidadãos que reunirem as condições exigidas por esta lei”. [...]. (JÚNIOR, Alfredo B. 2018, p. 58).

Desta forma, apesar da inserção de novos capítulos com temas importantes como mencionado anteriormente, as coleções possuem uma composição de capítulos que seguem o modelo tradicional da História europeia. Certamente, isso afeta na ordem dos conteúdos que apresenta o sequenciamento de eventos ligados ao modelo quadripartite.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

É possível perceber que a Europa tem uma quantidade maior de capítulos na composição curricular dos livros didáticos das coleções *História, sociedade e cidadania*. Diante disto, conforme Miranda e Luca os livros didáticos ainda sofrem com a presença dos grupos que ela designa como “Tradicional”. Dessa forma, o modelo tradicional presente nas narrativas não há rompimento com a base eurocêntrica independentemente da ordem evolutiva do tempo:

As narrativas são organizadas a partir de recortes já consagrados, as fontes históricas ganham caráter mais ilustrativo e não são exploradas numa dimensão que aproxime o aluno daquilo que preside o procedimento histórico; nesse sentido, uma concepção de verdade pronta e irrefutável preside a obra. Em geral, as coleções que integram esse subconjunto mantêm coerência com a visão processual e evolutiva do tempo e das sociedades e não rompe com a quadripartição clássica de base eurocêntrica. (MIRANDA; LUCA, p. 140).

Julia Matos (2012) segue a mesma linha de pensamento quando aponta que essa perspectiva da história tradicional europeia foi ou ainda é “centrada na ideologia civilizatória defendida no processo de neocolonialismo do século XIX, o ensino de História colocava os colonizadores europeus em um papel de destaque no processo de desenvolvimento do Brasil enquanto parte do continente americano”. (MATOS, 2012, p. 56). De acordo com Jean

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Chesneaux o modelo quadripartite<sup>4</sup> no século XIX, “cumpre um certo número de funções precisas, ao mesmo tempo, no nível das instituições universitárias e no nível da ideologia. Desempenha o papel de um verdadeiro aparelho ideológico do Estado”. (CHESNEAUX p. 93).

Portanto, o modelo quadripartite para Jean Chesneaux “tem como resultado privilegiar o papel do Ocidente na História do mundo e reduzir quantitativa e qualitativamente o lugar dos povos não-europeus na evolução universal”. (CHESNEAUX, p. 95). Nesse sentido, o modelo tradicional da história traz consequências e implicações na divisão dos conteúdos históricos nos livros didáticos. Além disso, esse modelo está relacionado com a matriz da historiografia brasileira e o ensino de história a partir dos meados do século XIX quando houve a criação do Colégio Pedro II (1837) e Instituto de História e Geográfico Brasileiro-IHGB (1838).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOULOS JR, Alfredo. História: sociedade & cidadania. Editora FTD: São Paulo. 4ª edição, 2004.

BOULOS JR, Alfredo. História: sociedade & cidadania. Editora FTD: São Paulo. 1ª edição, 2009.

BOULOS JR, Alfredo. História: sociedade & cidadania. Editora FTD: São Paulo. 2ª edição, 2012.

BOULOS JR, Alfredo. História: sociedade & cidadania. Editora FTD: São Paulo. 3ª edição, 2015.

BOULOS JR, Alfredo. História: sociedade & cidadania. Editora FTD: São Paulo. 4ª edição, 2018.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2014.

BISPO, Denise Maria de S.; SILVA, Luiz Gustavo S. Ensino de História da África e Cultura Afro-brasileira: Desafios e Possibilidades. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, UFS, v. 1, p. 15-20 jul./dez. 2008.

COELHO, Wilma de Nazaré B.; COELHO, Mauro Cezar. Os conteúdos étnico-raciais na educação brasileira: práticas em curso. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 47, p. 67-84, jan./mar. 2013.

CAVALCANTI, Erinaldo. História, livro didático e formação docente: produção, limites e possibilidades. **Revista Antíteses**, Londrina, v. 11, n. 22, p.516-532, jul./dez. 2018.

---

<sup>4</sup> O ensino de História possui um currículo de História que é eurocêntrico, o qual é marcado por um sistema quadripartite. O ensino de História é dividido em de acordo com a História europeia; História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CHESNEAUX, Jean. As armadilhas do quadripartismo histórico. In: CHESNEAUX, Jean (Org). **Devemos fazer tábula rasa do passado? Sobre história e historiadores**. São Paulo: Ática, 1995, p. 92-99.

JÚNIOR, Waldemar Borges de O. História e cultura afro-brasileira e africana: compreensões de professores da educação básica. **Revista África e Africanidades**- Ano XII, n. 29, p. 1-9, fev. 2019.

SILVA, Petronilha Beatriz G. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3, p. 489-506, set./dez. 2007.

MIRANDA, Sonia Regina; DE LUCA, Tania Regina. O Livro Didático de História Hoje: um panorama a partir do PNLD. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, ANPUH, v. 24, n. 48, p. 123-144, 2004.

MATOS, Júlia Silveira. A história nos livros didáticos: o papel das políticas governamentais na produção e veiculação do saber histórico. **Historiæ**, Rio Grande, 3 (1): 51-74, 2012.